Editorial

Resgates identitários. Um cruzamento de corpos, territórios e práticas artísticas Roma na contemporaneidade

Este Número Especial, intitulado "Territórios de Encontro e de Resistência: Práticas Artísticas e Resgates Identitários Roma na Contemporaneidade", presume a abertura de uma *porta* que se encontra, com frequência, *fechada* no escopo da sociologia contemporânea. Na verdade, partimos do princípio de que poucos são os trabalhos académicos que se têm detido sobre as práticas artístico-musicais da população Roma. Nós consideramos que é no cruzamento entre o som, os corpos e os territórios que se desenham algumas das questões mais emergentes da sociologia contemporânea, nomeadamente temas como o reconhecimento, a segregação urbana, a memória individual e coletiva e a justiça em relação a dinâmicas de representação étnico-racial. Com efeito, este Número Especial parte do princípio que é concomitantemente simples e complexo, nomeadamente, o facto de que a música – e as práticas artísticas, num sentido lato –, constituem um conjunto de interações sociais através das quais a população Roma (re)produz e atribui significados ao mundo em que se insere (Lidskog, 2016). O nosso objetivo é o de desvendar estas interações e cruzamentos. Esta aposta epistemológica situa-se, aliás, num debate mais abrangente sobre a relação entre a redistribuição material e o reconhecimento simbólico enquanto dimensões indissociáveis da justiça social contemporânea. Como sublinha Fraser (2000), as reivindicações identitárias e culturais não substituem, antes rematam e tensionam, as lutas por redistribuição económica, evidenciando que a não visibilização de um grupo nos circuitos legítimos de representação simbólica constitui, em si mesma, uma forma de subordinação estrutural. É à luz desta articulação entre visibilidade cultural e justiça material que ganha sentido a centralidade atribuída, neste Número Especial, à música e às práticas artísticas Roma enquanto arena de disputa simbólica e política.

Para além de contextos de interação possibilitadores de resistência, de formação e de inovação, as criações artístico-musicais Roma são importantes interfaces de combate à discriminação e ao estigma num contexto de modernidade globalizada e mediática. Por isso nos parece tão inspirador – para este Número Especial – o trabalho de Sendroiu e Mogosanu (2019), na exata medida em que estes investigadores nos mostram que as canções *manele* – versão contemporânea da música tradicional Romani – são excluídas dos média romenos. O subgénero *manele* situa-se na intersecção entre a transição democrática da Roménia e os crescentes esforços para reforçar as fronteiras entre a minoria Romani marginalizada e a maioria não-Romani. Um dos dados mais relevantes que nos demonstram Sendroiu e Mogosanu (2019) prende-se com o facto de que todos os atores sociais que ouvem *manele* são retratados negativamente pelos média, independentemente da utilização de marcadores étnicos nessas representações (Wemyss & Cassidy, 2017). No caso das

GUERRA, Paula; & MENDES, Maria Manuela (2026),
"Resgates identitários. Um cruzamento de corpos, territórios e práticas artísticas Roma na contemporaneidade",
Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. LV, pp. 9 – 17.
DOI: https://doi.org/10.21747/08723419/soc55ed

canções *manele*, os estereótipos fundamentados no género musical sobrelevam os limites étnicos, concedendo um valor social negativo a um amplo conjunto de pessoas que consomem este subgénero musical – como já foi observado por nós relativamente ao consumo de *punk rock* (Guerra, 2024). O estigma conexo ao público das canções *manele* acentua a fluidez da identidade Romani, demonstrando que qualquer pessoa associada aos Roma pode ser relegada para os estratos mais baixos da hierarquia social (Yıldız & De Genova, 2018). Esta dinâmica de estigmatização musical não constitui, todavia, uma singularidade do contexto romeno; antes replica um mecanismo sociológico mais amplo, identificado desde há muito por Goffman (1963): o estigma funciona menos como um atributo intrínseco a um sujeito ou a uma prática do que como uma relação social, construída na interação entre quem é categorizado como desviante e as normas dominantes que assim o categorizam. Aplicado ao domínio musical, este quadro teórico ajuda a compreender como um género ou um repertório se transformam em marcadores de identidade estigmatizada, contaminando, por extensão, todos os que com ele se identificam ou dele se apropriam, independentemente da sua origem étnica efetiva.

Logo, ponderamos o facto de as práticas artístico-musicais, enquanto práticas sociais e expressões artísticas de populações racializadas, etnicizadas e estigmatizadas, possuírem uma dimensão visceralmente política, especialmente quando se tornam num instrumento de resistência e de afirmação identitária de grupos invariavelmente marginalizados (Guerra, 2023). No caso das pessoas Roma, a música tem – historicamente – resgatado um papel basilar na preservação das tradições e na construção de sentidos de pertença atuais. Como salientam Mendes *et al.* (2019), a cultura musical cigana, longe de ser apenas uma manifestação folclórica, deve ser entendida como um espaço de criação simbólica; como um mecanismo e uma ferramenta de transmissão de uma memória coletiva; também como uma forma de negociação de identidades em contextos de adversidade e de diversidade social, étnica, racial e cultural. Esta leitura da música como espaço de negociação identitária aproxima-se, ainda, da proposta de hooks (1990), para quem a marginalidade, longe de ser apenas um lugar de privação e de exclusão, pode também ser reapropriada como um lugar de possibilidade radical e de resistência. Ao deslocar a margem de um estatuto meramente negativo para um estatuto de potência criativa, esta perspetiva permite pensar as práticas artístico-musicais Roma não como mera reação defensiva ao estigma, mas como um exercício ativo de autodeterminação cultural, através do qual as comunidades Ciganas reescrevem, nos seus próprios termos, os significados atribuídos à sua diferença (Guerra, 2018, 2019).

Deste modo, este Número almejou reunir contributos que reflitam, crítica e heuristicamente, as relações e as interseções entre manifestações artísticas dos Roma e de outros coletivos racializados, dinâmicas de integração social e de relacionamento com o espaço urbano (Guerra, 2025), a partir de uma perspetiva sociológica comprometida com a justiça social e com o reconhecimento da diversidade cultural. De acordo com Small (1998), percebemos que o ato de fazer e de criar música assenta na necessidade de estabelecer e de ensaiar diversas relações sociais, na medida em que a *performance* funciona como um modelo vivido das relações comunitárias que

se pretendem reforçar. Esta leitura ecoa os contributos de Back (2014), DeNora (2000) e Street (2012), para quem as manifestações musicais devem ser lidas como uma *autopoiesis* das expressões culturais e artísticas dos grupos e das comunidades. Participar cultural e simbolicamente permite desenvolver laços afetivos e sociais que dão forma a memórias coletivas partilhadas.

Este Número Especial surgiu de uma dupla constatação. A primeira é a de uma ausência, isto é, torna-se possível aferir que quando se percorrem as enciclopédias da música portuguesa, a referência a artistas Roma é praticamente inexistente, tal como é quase inexistente a referência a bailarinos, artistas plásticos, designers, arquitetos ou cineastas de origem Roma. Como escrevem Spinelli e Saavedra (2001), a música cigana permanece oculta e invisível. Esta ausência é nada mais do que um sintoma de uma invisibilidade sociopolítica e cultural historicamente imposta às comunidades Ciganas. Esta ausência pode ser lida à luz da noção de *haunting* proposta por Gordon (1997): aquilo que a ordem social e o registo histórico oficial excluem da memória consciente não desaparece, antes continua a produzir efeitos precisamente em virtude da sua ausência, assombrando o presente e reclamando reconhecimento. Mobilizando o conceito clássico de imaginação sociológica, Gordon (1997) sustenta que a atenção a estes fantasmas sociais constitui uma crítica necessária aos modos convencionais de produção do conhecimento sociológico, demasiado centrados no que é visível, mensurável e arquivado. Não se trata, pois, de uma lacuna acidental ou de um esquecimento involuntário dos arquivos e das enciclopédias musicais portuguesas, mas de um processo socialmente construído de invisibilização, que hierarquiza saberes e expressões culturais em função da posição social e étnica de quem os produz. Resgatar as práticas artístico-musicais Roma do silêncio a que foram remetidas implica, assim, não apenas acrescentar nomes a uma lista, mas reconhecer que a sua presença na cultura portuguesa nunca esteve, de facto, ausente — apenas foi tornada estruturalmente invisível (Guerra, 2020).

A segunda constatação é a de que as criações artístico-musicais Roma podem ser lidas como dispositivos incontornáveis de contestação da discriminação e do estigma, precisamente porque, como nos ensina Silverman (2012), a música – e a criação artística mais alargada – permite a criação de uma cultura Roma que também se assume transnacional. É a partir desta tensão entre invisibilidade e potencial de resistência que os autores aqui reunidos foram convidados a pensar as interseções entre as manifestações artísticas Roma e as dinâmicas de integração social e de relação com o espaço urbano. Assim, quatro eixos conceptuais atravessam todos os textos deste número. O primeiro é o do direito à cidade (Lefebvre, 1968), entendido como o direito concreto de inscrever, material e simbolicamente, sentimentos e dinâmicas de presença e diferença no espaço urbano. Este direito à cidade adquire uma acuidade particular quando aplicado a territórios historicamente relegados para a periferia simbólica e infraestrutural das áreas metropolitanas, tal como Wacquant (2008) documenta na sua análise comparada da marginalidade avançada: bairros que acolhem populações racializadas e etnicizadas tendem a sofrer um processo de estigmatização territorial que se sobrepõe e reforça a estigmatização étnica, produzindo uma dupla desqualificação social que atinge tanto o lugar quanto quem

GUERRA, Paula; & MENDES, Maria Manuela (2026),
"Resgates identitários. Um cruzamento de corpos, territórios e práticas artísticas Roma na contemporaneidade",
Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. LV, pp. 9 – 17.
DOI: https://doi.org/10.21747/08723419/soc55ed

nele habita. Mas os processos de racialização e segregação interligam-se com outros dispositivos, tais como o deslocamento (frequentemente motivados por ameaças higienistas e securitárias), a omissão (omissão em termos de compromisso político e que contribui para a perpetuação da segregação de bairros étnicos e racializados, impondo uma ordem social e espacial racializada que separa o civilizado do incivilizado), a contenção (edificação de barreiras físicas e simbólicas, engendrando espaços fechados sobre si próprios e afastados da vida urbana) e o discurso de igualdade e coesão (gera naturalização e essencialização dos destinatários, legitimando relações hierárquicas e de poder — ou seja, a supremacia da ordem social branca e colonialista) (Guerra, 2012; Picker, 2017; Mendes, 2023).

Neste âmbito, a interseccionalidade (Crenshaw, 2022) assume-se como uma ferramenta indispensável para compreender como eixos como a etnicidade, classe social e género se articulam, de forma específica, na vivência urbana das populações Roma. Esta leitura interseccional cruza-se, por sua vez, com o contributo de Young (1990), para quem a justiça social não pode ser pensada apenas em termos distributivos, exigindo antes o reconhecimento da diferença de grupo e o combate às formas estruturais de opressão — exploração, marginalização, ausência de poder, imperialismo cultural e violência — que atravessam, de modo distinto, a experiência quotidiana das comunidades racializadas e etnicizadas nos contextos urbanos contemporâneos. O terceiro eixo diz respeito à desigualdade dos sistemas de consagração cultural (Bourdieu, 1993), que continua a determinar quem tem acesso aos circuitos legítimos de visibilidade artística. O quarto eixo é a música como resistência, mais especificamente a ideia de que as criações artísticas e musicais transformam as dinâmicas de invisibilidade e de discriminação num vocabulário de afirmação e de contestação (Guerra & Alvarez-Cueva, 2021). Estes quatro eixos cruzam-se, tensionam-se e reforçam-se mutuamente ao longo de todo o número.

O foco empírico que percorre a maioria dos contributos é o projeto CIG.A.MÚSICA, financiado pelo Programa BIP/ZIP 2024 — Parcerias Locais da Câmara Municipal de Lisboa, promovido pela associação Locals Approach, com uma extensa rede de parceiros formais e informais que inclui o Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, a Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, a Junta de Freguesia de Carnide e a União Romani Portuguesa, entre outros. Desenvolvido nos bairros Padre Cruz e Horta Nova, em Carnide, o projeto mobilizou a música e a dança como mecanismos de ignição de dinâmicas comunitárias e de cidadania ativa, através de uma pesquisa-ação-participativa que recusou, deliberadamente, a separação clássica entre investigador e investigado. Esta opção metodológica inscreve-se numa genealogia mais vasta da pesquisa-ação-participativa, cujas raízes remontam aos trabalhos pioneiros de Fals Borda (2006) na Colômbia dos anos setenta, quando propôs uma ciência social construída a partir de dentro dos movimentos populares, e não sobre eles, contestando os pressupostos positivistas de neutralidade e de exterioridade do investigador face ao seu objeto de estudo. É nesta tradição epistemológica, que valoriza o saber popular como forma legítima de conhecimento sem abdicar do rigor empírico, que o projeto CIG.A.MÚSICA se posiciona. O *core* do projeto recusa tanto a folclorização quanto a celebração acrítica da cultura Roma,

alertando, na esteira de Papastergiadis (2006) e de Said (1978), para o risco de uma aglutinação utilitarista das expressões culturais Roma no quadro do capitalismo cultural avançado. É também aqui que se define o compromisso metodológico e ético de todo o número: o de construir um espaço académico de diálogo com as pessoas Roma que rompa com a lógica da investigação extrativista, promovendo a coautoria do conhecimento.

Este compromisso ecoa, por sua vez, as críticas formuladas por Smith (1999) no âmbito dos estudos indígenas, quando a autora demonstra como a investigação convencional, ao tratar as comunidades racializadas simultaneamente como objeto de estudo e como recurso de dados a extrair, reproduz, sob nova roupagem, lógicas coloniais de apropriação do conhecimento. Decolonizar a metodologia significa, nesta aceção, devolver às comunidades/pessoas investigadas o controlo sobre os termos, os processos e os usos da investigação que sobre elas incide. Esta arquitetura colaborativa aproxima, por fim, o projeto CIG.A.MÚSICA do que Burawoy (2005) designa por sociologia pública orgânica: uma sociologia que não se limita a comunicar os seus resultados a públicos exteriores à academia, mas que constrói o próprio conhecimento em diálogo contínuo, recíproco e visível com movimentos sociais, associações e comunidades organizadas. Nesta aceção, a coautoria do conhecimento deixa de ser entendida como um desvio ao rigor científico ou como uma concessão ética à comunidade investigada, para passar a ser reconhecida como uma forma legítima, e sociologicamente fundamentada, de produção do saber — na qual a validade do conhecimento produzido depende, precisamente, da qualidade e da reciprocidade da relação estabelecida com quem dele é também coautor.

O texto de **Maria Manuela Mendes**, intitulado "Territórios de Encontros, Práticas Artísticas e Reconstruções Identitárias entre os Ciganos Portugueses/Roma em Lisboa", relata diretamente o processo de pesquisa-ação-reflexão do Projeto CIG.A.MÚSICA nos bairros de Carnide. Situando o trabalho na linha dos estudos críticos Romani e na noção de episteme Romani, desenha-se um conhecimento fundado na posicionalidade, na memória coletiva e nas histórias orais, que não rejeita o rigor académico, mas antes o redefine. A esse respeito, a autora dá voz aos protagonistas do projeto, mais especificamente aos músicos, pastores, artistas e dirigentes associativos. Do dualismo entre "cantar para Deus" e "cantar para o mundo", à cultura *do-it-yourself* da construção artesanal de instrumentos, o artigo revela a densidade e a heterogeneidade das práticas musicais ciganas em Lisboa. O artigo de **Sofia Sousa**, designado "Arte e Mulheres na (margem da) contemporaneidade: criação artística Roma no cruzamento com o feminismo e o artivismo", que propõe uma leitura sociológica exploratória e comparativa da obra de Małgorzata Mirga-Tas e Delaine Le Bas, as duas artistas Roma mais consagradas internacionalmente na atualidade. Mobilizando uma tríade concetual que articula género, memória reparativa e artivismo, a autora mostra como as duas artistas negoceiam, por vias artísticas distintas, o reconhecimento da população Roma no interior do campo da arte contemporânea. Nas asserções da autora, Mirga-Tas reescreve a gramática visual da autoridade, substituindo o sujeito canónico por

GUERRA, Paula; & MENDES, Maria Manuela (2026),
"Resgates identitários. Um cruzamento de corpos, territórios e práticas artísticas Roma na contemporaneidade",
Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. LV, pp. 9 – 17.
DOI: https://doi.org/10.21747/08723419/soc55ed

mulheres Roma anónimas. Já Le Bas expõe o mecanismo institucional que historicamente produziu a exclusão.

O terceiro artigo, de **Emanuelle Maia de Souza**, "O Bairro além do Bairro: *performance* e ocupação urbana do grupo de dança "Los Niños"", desloca o olhar do circuito museológico internacional para a escala do bairro. A partir de uma etnografia das *performances* do grupo de dança infanto-juvenil "Los Niños", do bairro Horta da Areia, em Faro, é feita uma análise de como a dança articula dimensões materiais e simbólicas da vida social em contextos de segregação territorial. Propõe-se pensar a *performance* como produção de identidade, bem como pensar a cidade como uma forma de produção social desigual. O artigo mostra como a circulação do grupo por espaços institucionais reconfigura, ainda que temporariamente, as fronteiras entre centro e periferia, fazendo da dança um dispositivo de negociação do direito à cidade. De seguida, o artigo "Arte Participativa e Construção Comunitária: Potencialidades e Limites de Duas Intervenções no Bairro 2 de Maio" de **Susana Campos** debruça-se sobre dois projetos de intervenção social que utilizaram metodologias de base artística junto de participantes do Bairro 2 de Maio, em Lisboa. Apesar de os dois grupos diferirem quanto às suas características demográficas, verificou-se continuidade nos processos desenvolvidos. A investigação centra-se no contributo da prática artística para a promoção da participação, da expressão pessoal, da aprendizagem e do bem-estar. Os resultados indicam que práticas artísticas de fácil acesso e ajustadas ao perfil dos participantes contribuem para a inclusão social, para a construção de relações interpessoais e para a capacitação individual, subsistindo, contudo, limitações no que respeita à distribuição da agência criativa e à emancipação artística.

No cômputo dos artigos, **Vitor Belanciano** apresenta uma reflexão emblemática acerca das inflexões da música cigana/Roma portuguesa contemporânea: "Ouvir o que sempre esteve lá: a transição da música cigana/Roma portuguesa entre memória, plataformas digitais e o diálogo com o *flamenco* contemporâneo". Com efeito, o artigo debate o processo de transformação sociocultural da música cigana/Roma portuguesa, marcada pela passagem de práticas historicamente circunscritas ao espaço comunitário para a esfera pública. Este artigo analisa, numa perspetiva sociológica, a crescente visibilidade da rumba cigana portuguesa e a sua reformulação através do diálogo com o *flamenco*, o *hip-hop* e o *pop* urbano. Consideram-se artistas e projetos contemporâneos, o impacto das plataformas digitais na produção e circulação musical, a participação histórica das comunidades Roma na formação do *flamenco* e as dinâmicas de interculturalidade. O último artigo deste Número Especial da autoria de **Rui Soares** procura compreender, a partir de uma escuta e análise reflexiva situada, a relevância sociológica de *Las Chuches* (grupo musical composto por três jovens de origem Cigana e álbum com o mesmo nome), sugerindo a construção e circulação de uma ciganidade juvenil feminina no campo do *pop-flamenco* espanhol e que se torna audível no espaço social.

O Número Especial prossegue com o registo intitulado "Festa Roma", de **Maria Manuela Mendes, Paula Guerra, Gonçalo Folgado, João Martins e Raquel Lindner**

GUERRA, Paula; & MENDES, Maria Manuela (2026),
"Resgates identitários. Um cruzamento de corpos, territórios e práticas artísticas Roma na contemporaneidade",
Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. LV, pp. 9 – 17.
DOI: https://doi.org/10.21747/08723419/soc55ed

Costa que relata o momento alto do Projeto CIG.A.MÚSICA, isto é, a Festa Roma, realizada a 21 de maio de 2026 nos Jardins do Bombarda, em Lisboa. Neste contributo, o evento é apresentado como um momento liminar, suspenso relativamente à estrutura social quotidiana, em que a hierarquia habitual entre maioria e minoria se atenuou momentaneamente, dando lugar a um sentido de pertença partilhada entre Ciganos e não-Ciganos. O texto sublinha ainda uma tese estrutural do Número Especial, a de que a discriminação contra a população Roma opera como uma forma de racismo estruturalmente distinta de outras, precisamente por continuar a ser tolerada — e por vezes normalizada — mesmo em discursos públicos que já rejeitam outras formas de racismo.

Subsequentemente, apresentamos a secção de entrevistas. Na conversa de **Maria Manuela Mendes com Kali Musa**, bailarina e modelo Cigana portuguesa de carreira internacional, discutiu-se moda, movimento e representatividade das mulheres Ciganas, a partir do percurso da artista entre a cultura *ballroom* nova-iorquina e a Oficina de Moda e Movimento que dinamizou no âmbito do projeto. Na entrevista "Portas da Alma", conduzida por **Vanessa Lopes, Diego El Gavi** — artista e mediador cultural — efetua-se um percurso pelo *flamenco* de Camarón de la Isla ao álbum *Puerta del Alma* (2019), deixando como lastro a palavra resiliência.

O Número Especial encerra com a recensão crítica de **Maria Manuela Mendes** ao livro *Portugueses Ciganos, Cinco Séculos de Resistência,* de Ana Cristina Pereira (2026). A recensão sublinha o valor e a relevância de um jornalismo científico que rompe com o voyeurismo do exótico e do "eterno estrangeiro interno", desmontando, através da heterogeneidade e complexidade de histórias de vida de pessoas Roma, crenças que persistem e subsistem ainda hoje sobre os Roma (por exemplo, o nomadismo por opção, o absentismo escolar "cultural" ou a subserviência da mulher Cigana), ampliando a compreensão sócio-histórica sobre os processos e estratégias de resistência secular protagonizados pelo povo Romani.

Referências bibliográficas

BACK, Les (2014), "Deep listening: Researching music and the cartographies of sound", in *Cultural Geography in Practice,* Londres, Routledge, pp. 272-285.
BOURDIEU, Pierre (1993), *The Field of Cultural Production: Essays on Art and Literature*, Nova Iorque, Columbia University Press.
BURAWOY, Michael (2005), "For public sociology", *American Sociological Review*, 70(1), pp. 4-28.
CRENSHAW, Kimberlé (2022 [1989]), "Demarginalizing the intersection of race and sex: A black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics", *Contemporary Sociological Theory,* 1, p. 354.
DENORA, Tia (2000), *Music in Everyday Life*, Cambridge, Cambridge University Press.

GUERRA, Paula; & MENDES, Maria Manuela (2026),
"Resgates identitários. Um cruzamento de corpos, territórios e práticas artísticas Roma na contemporaneidade",
Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. LV, pp. 9 – 17.
DOI: https://doi.org/10.21747/08723419/soc55ed

FALS BORDA, Orlando (2006), "Participatory (action) research in social theory: Origins and challenges", in *The SAGE Handbook of Action Research: Participative Inquiry and Practice*, Londres, Sage, pp. 27-37.
FRASER, Nancy (2000), "Rethinking recognition", *New Left Review*, 3, pp. 107-120.
GOFFMAN, Erving (1963), *Stigma: Notes on the Management of Spoiled Identity*, Englewood Cliffs (NJ), Prentice-Hall.
GORDON, Avery (1997), *Ghostly Matters: Haunting and the Sociological Imagination*, Minneapolis, University of Minnesota Press.
GUERRA, Paula (2012), "Da exclusão social à inclusão social: eixos de uma mudança paradigmática", *Revista Angolana de Sociologia*, 10, pp. 91-110.
GUERRA, Paula (2018), "Raw power: Punk, DIY and underground cultures as spaces of resistance in contemporary Portugal", *Cultural Sociology*, 12(2), pp. 241-259.
GUERRA, Paula (2019). Nothing is forever: um ensaio sobre as artes urbanas de Miguel Januário±MaisMenos±. *Horizontes Antropológicos*, 55, pp. 19-49.
GUERRA, Paula (2020), "The song is still a 'weapon': The Portuguese identity in times of crises", *YOUNG*, 28(1), pp. 14-31.
GUERRA, Paula & ALVAREZ-CUEVA, Priscila. (2021). 'Dio$ No$ Libre Del Dinero'. An essay on the crossovers between the post-feminist rhetorics and the (post)cultural industries in the work of Rosalía. Cidades, Comunidades e Territórios, Autumn Special Issue (Oct/2021), 60-74, 10.15847/cct.23453.
GUERRA, Paula (2023), "Underground artistic-creative scenes between utopias and artivisms", *Journal of Cultural Analysis and Social Change*, 8(2), 10, https://doi.org/10.20897/jcasc/14063.
GUERRA, Paula (2024), "Free punk. Um caleidoscópio chamado Ondina Pires", *Revista Territórios e Fronteiras,* 17(1), pp. 159-182.
GUERRA, Paula (2025), "Thina Curtis amid creative disorders. Fanzines, punk, improvisation, and critical pedagogy", Genealogy, 9(1), 3, https://doi.org/10.3390/genealogy9010003.
HOOKS, Bell (1990), "Choosing the margin as a space of radical openness", in *Yearning: Race, Gender, and Cultural Politics*, Boston, South End Press, pp. 145-153.
LEFEBVRE, Henri (1968), *Le Droit à la ville*, Paris, Anthropos.
LIDSKOG, Rolf (*2016), "The role of music in ethnic identity formation in diaspora: A research review", International Social Science Journal,* 66 (219-220), pp. 23-38.
MENDES, Maria Manuela; MAGANO, Olga; CANDEIAS, Pedro (2019), "Des-homogeneizar os ciganos portugueses: perfis sociais e heterogeneidade sociocultural", *OBETS: Revista de Ciencias Sociales,* 14(1), pp. 49-87.
MENDES, Maria Manuela (2023), "O continuum difícil acesso de pessoas e famílias ciganas/Roma à habitação adequada em Portugal", *CIDADES, Comunidades e Territórios*, (au23), pp. 105-118. https://doi.org/10.15847/cct.29036
PAPASTERGIADIS, Nikos (2006), "The invasion complex: The abject other and spaces of violence", Geografiska Annaler: Series B, *Human Geography,* 88(4), pp. 429-442.
PEREIRA, Ana Cristina (2026), *Portugueses Ciganos: Cinco Séculos de Resistência,* Lisboa, Fundação Francisco Manuel dos Santos.
PICKER, Giovanni (2017), *Racial Cities. Governance and the segregation of Romani people in urban Europe,* Londres e Nova Iorque, Routledge.

GUERRA, Paula; & MENDES, Maria Manuela (2026),
"Resgates identitários. Um cruzamento de corpos, territórios e práticas artísticas Roma na contemporaneidade",
Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. LV, pp. 9 – 17.
DOI: https://doi.org/10.21747/08723419/soc55ed

SAID, Edward W. (1978), *Orientalism*, Nova Iorque, Pantheon Books.
SENDROIU, Ioana; & MOGOSANU, Andreea (2019), "Does being Roma matter? Ethnic boundaries and stigma spillover in musical consumption", *Ethnic and Racial Studies,* 42(12), pp. 2047-2064.
SILVERMAN, Carol (2012), *Romani Routes: Cultural Politics and Balkan Music in Diaspora,* Oxford, Oxford University Press.
SMALL, Christopher (1998), *Musicking: The Meanings of Performing and Listening,* Middletown, Wesleyan University Press.
SMITH, Linda Tuhiwai (1999), *Decolonizing Methodologies: Research and Indigenous Peoples*, Londres, Zed Books.
SPINELLI, Santino; & SAAVEDRA, Paco Suárez (2001), "Los gitanos y la música", *O Tchatchipen:* Lil Ada Trin Tchona Rodipen Romani, 36, pp. 40-47.
STREET, John (2012), "From Gigs to Giggs: Politics, law and live music", *Social Semiotics,* 22(5), pp. 575-585.
WACQUANT, Loïc (2008), *Urban Outcasts: A Comparative Sociology of Advanced Marginality*, Cambridge, Polity Press.
WEMYSS, Georgie; & CASSIDY, Kathryn (2017), "'People think that Romanians and Roma are the same': Everyday bordering and the lifting of transitional controls", *Ethnic and Racial Studies*, 40(7), pp. 1132-1150.
YILDIZ, Can; & DE GENOVA, Nicholas (2018), "Un/Free mobility: Roma migrants in the European Union", *Social Identities,* 24(4), pp. 425-441.
YOUNG, Iris Marion (1990), *Justice and the Politics of Difference*, Princeton, Princeton University Press.

Paula Guerra (autora para correspondência).
Roles: Concetualização, Redação – rascunho original, Redação – revisão e edição.
Universidade do Porto – Faculdade de Letras, Instituto de Sociologia, Griffith Center for Social and Cultural Research, Portugal. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Via Panorâmica, s/n, 4150-564 Porto, Portugal. ORCID ID: 0000-0003-2377-8045.
E-mail: pguerra@letras.up.pt

Maria Manuela Mendes.
Roles: Concetualização, Redação – rascunho original, Redação – revisão e edição.
Centro de Administração e Políticas Públicas (CAPP), Instituto de Ciências Sociais e Políticas, Universidade de Lisboa, CIES-Iscte, IUL, Portugal. Campus Universitário do Alto da Ajuda, Rua Almerindo Lessa, 1300-663, Lisboa, Portugal. ORCID ID: 0000-0002-5269-8004.
E-mail: manuela_mendes@iscte-iul.pt

GUERRA, Paula; & MENDES, Maria Manuela (2026),
"Resgates identitários. Um cruzamento de corpos, territórios e práticas artísticas Roma na contemporaneidade",
Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. LV, pp. 9 – 17.
DOI: https://doi.org/10.21747/08723419/soc55ed